

## **Ciência da Religião: bases teóricas para um método histórico-comparado utilizando as disciplinas auxiliares e o fato religioso**

*Jefferson Pinto Batista\*<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Esta comunicação é parte do trabalho que estamos desenvolvendo no mestrado em Ciências da Religião no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Apresentaremos parte da reflexão de nossa pesquisa onde nos detemos no tema dos “Fundamentos em Ciências da Religião”. A leitura das obras Nos livros “*O que é Ciência da Religião?*” de Hans-Jürgen Greschat (2005), “*Constituintes da Religião*” de Frank Usarski (2006) e “*O espectro disciplinar da Ciência da Religião*” também de Frank Usarsk (2007) nos permitiram conduzir uma análise que pensamos ser inovadoras para o exercício intelectual do cientista da religião. Essa comunicação apresenta, portanto, uma parte do nosso percurso analítico que propõe uma análise histórica-comparada dos métodos de investigação a partir do objeto de estudo.

Palavras-chaves: método, histórico-comparativo, religião.

---

\*Mestrando em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo, Política e Educação no Brasil Republicano. Assistente Social de Base da Comissão de Orientação e Fiscalização (COFI) do CRESS 6ª Região - MG.

## INTRODUÇÃO

A partir de vários autores, nesta síntese, busco compreender os fundamentos em Ciências da Religião, a partir das bases teóricas e metodológicas que desencadearam nossa profissão, além da identificação do objeto de estudo a partir das disciplinas auxiliares. A hipótese é de que os fundamentos da ciência da religião podem nos ajudar a criar um método próprio, o histórico-comparativo.

O Cientista da Religião busca comparações à tradição própria como, por exemplo, a noção de Deus, de rituais. Nunca conseguiremos em uma totalidade a uma determinada religião. A Religião não se abre “é um livro aberto” ao pesquisador o objeto religião. Quem sai do Ocidente e vai para o Oriente tendo sua tradição cristã quando volta ao ocidente, mesmo depois de outras experiências, volta cristã, pois, não tem como descolar da experiência cristã.

## 1. AUTORES EM DESTAQUE

Um manual de iniciação e de roteiro metodológico na elaboração de um saber epistemologicamente próprio, distinto e de autonomia em relação às produções teológicas é o livro, “O que é Ciência da Religião?”, livro do autor alemão, Hans-Jürgen Greschat (2005), que faz parte da série “Repensando a religião” de produção do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, em parceria com a editora Paulinas. O objetivo deste livro foi apresentar as características principais da pesquisa científica sobre a religião e também elementos-chaves que nortearam a formulação curricular da disciplina e da pesquisa. O especialista, na sua pesquisa, precisa na sua linguagem conceitual a fim de comunicar-se de maneira compreensível. A palavra religião em si não apresenta um significado monolítico. É por isso que, para o pesquisador, a sua compreensão sobre a religião definirá sua teoria da religião. (GRESCHAT, 2005)

Frank Usarski (2006), no livro “Constituintes da Religião”, faz outra reflexão sobre o “largar” os conceitos invisíveis. O autor propõe uma “suspensão de juízo” como um exercício por não deixar influenciar na investigação do objeto.

Para que religião se tornasse um tema científico “objetivo”, foi necessário um processo de alienação dos intelectuais europeus da sua herança religiosa tão a fundo enraizada na estrutura da plausibilidade contemporânea, que parecia ser uma “naturalidade cultural” longe de ser intelectualmente questionada. (USASRKI, 2006, p. 18).

Usarski (2006), ainda destaca que a disciplina Ciências da Religião compartilham em seus princípios, o da confecionalidade, como uma “filha emancipada da Teologia”.

Do ponto de vista da história da Ciências da Religião, as consequências importantes dessa nova fase na história global para a futura Ciências da Religião deram-se na área filologia. A curiosidade sobre os países, agora acessíveis como nunca antes, despertou o interesse na literatura religiosa dos seus povos e levou à coleção e tradução de textos sagrados de origem chinesa, zoroastriana, hinduísta e budista por especialistas europeus. Para a história da Ciência da Religião na qualidade de “filha emancipada da Teologia” é importante ressaltar que nem sempre os eruditos filólogos dedicaram-se a uma tradução por intenções meramente acadêmicas. Em vários casos os resultados de pesquisas filológicas foram “efeitos colaterais” em função da missão ou do colonialismo. Para citar somente dois exemplos, as primeiras translações de clássicos confucianos foram feitas a partir de 1662 por missionários jesuítas, em razão de óbvios motivos religiosos. (USASRKI, 2006, p. 21).

Greschat (2005), destaca que o objeto religião pode ser contemplado pelas mais diversas perspectivas de abordagem do ser humano: psicológicas, sociológicas, filosóficas, etc. Diferentemente de um observador comum, o olhar sobre o objeto religião exige do especialista técnica acurada na percepção de seus fenômenos. Em seu trabalho de pesquisa, ele não pode deixar-se guiar por emoções e nem por outros interesses mais amplos.

Quatro blocos interligados de fenômenos podem ser observados nas mais variadas religiões: “Organização comunitária” como demarcação de suas fronteiras de determinação de pertença: (integram dos indivíduos em comunidades); “Práticas religiosas” cuja tensão de sobreposição entre doutrina e rito onde, os ritos são indispensáveis para a vida da comunidade; “Conjunto doutrinário” como o conhecimento da doutrina é porta de entrada para se conhecer os princípios éticos e o simbolismo da linguagem mitológica de uma religião (desenvolve-se a partir de uma revelação; os mitos e símbolos constituem a linguagem religiosa por natureza.); “Experiências religiosas” que consiste em a força vital da religião é a experiência religiosa (expressam em obras de arte, mitos, ritos, entre outros).

Greschat (2005), aponta a história da religião que pode ser categorizada em dois grandes grupos: a ciência da religião histórica e a ciência sistemática da religião. O primeiro grupo será observado agora com mais atenção. A histórica visa o estudo descritivo e analítico dos elementos históricos de uma determinada religião visando sua reconstrução de maneira longitudinal. Friedrich Max Muller (1823-1900) pai da disciplina acadêmica da Ciência da Religião é um dos pioneiros no trabalho de pesquisa histórica das religiões. Na análise histórica da religião contemplam-se os seguintes aspectos: os textos, as imagens, os indivíduos e a vida particular e coletiva.

## 2. A CIÊNCIA SISTEMÁTICA DA RELIGIÃO

A Ciência sistemática da religião tal como a história trabalha com o específico, o gerar no específico e a fenomenologia em um fenômeno específico. O autor destaca dois dados simbólicos por volta da virada do século XIX para o século XX, o primeiro fixado pela “instalação da primeira cátedra em Ciências da Religião no ano de 1873” (USARSKI, 2006, p.16) e o segundo o é marcado pela publicação da tese de Joachim Wach na Universidade de Leipzig, em 1924. “(...) lançamento da famosa obra que enfatizou a complementaridade do lado empírico-histórico e do sistemático como estrutura obrigatória da Ciência da Religião”. (USASRKI, 2006, p.16)

De acordo com Joaquim Wach e sua visão de uma Ciência da Religião composta por dois ramos funcionalmente complementares, há autores que destacam de maneira universalista as constituintes e estruturas comuns da religião como essência do real mundo religiosos em suas manifestações múltiplas; enquanto outros enfatizam a importância de um levantamento empírico e histórico em favor de uma reconstrução, a mais detalhada possível, de cada tradição religiosa em sua singularidade. (USASRKI, 2006, p.17)

Usarsk (2006), ainda faz uma crítica ao método fenomenológico comparando com o termo “sagrado” de Rudolf Otto (“totalmente outro” representando um fenômeno “sui generis”, independente e autônomo. ). Porém no campo fenomenológico o foco do sagrado está na “experiência humana do numinoso, ou seja, na reação do sujeito religioso aos “chamados” do sagrado”.

Uma segunda linha metodológica de pesquisa sobre o objeto religião é, para Greschat(2005), Ciência Sistemática da Religião. Toma-se com como base o material produzido e fornecido pela história das religiões e possui uma abrangência maior no que diz respeito aos fenômenos que analisa. Tem o objetivo de descrever e sistematizar as informações recebidas dos registros históricos, podendo também comparações entre as religiões. Três caminhos podem ser trilhados nessa perspectiva: a teoria da religião, a comparação entre religiões e o da fenomenologia da religião.

Destaco neste trabalho a comparação e a fenomenologia da religião. Na comparação entre as religiões voltada para o início das ciências da religião ainda no século XIX alguns cuidados básicos devem ser observados para uma devida comparação no campo das religiões. É preciso evitar as comparações que degradam o estranho e as que relativizam a própria religião. Tem por objetivos, aprofundar o conhecimento da própria tradição; tomar duas

religiões em temas específicos e traçar aspectos de semelhança e diferenças; comparar todos os aspectos objetivos da religião, seu material ritualístico e sagrado, sem porem fazer juízo de valores sobre tais; outra forma, é por as tradições uma do lado da outra e averiguar o conjunto das organizações sociais, praticas ritualistas, doutrinas e experiências religiosas.

O fenômeno que primeiramente tratado por Gerardus van der Leeuw (1891-1950) considerado pai da fenomenologia traz boas contribuições para a ciência da religião. As ferramentas típicas de suas abordagens eram a atitude natural, atitude fenomenológica e a visão da essência. Aqui, faz-se a suspensão de qualquer tipo de valor e interpretação totalizante do fenômeno. Logo após se aproxima desde na intenção de captar o que ele tem de próprio em si na sua manifestação. (GRECSHAT, 2005, p. 74)

Frank Usarsk (2007) lançou como organizador, O espectro disciplinar da Ciência da Religião, uma obra que também faz parte da coleção “Repensando a religião” englobando obras de autores renomados na área em busca de explicar a diferença entre, obras resultantes da pesquisa científica em religião e as obras teológicas, a cerca de discussões resultantes do Ensino Religioso nas escolas públicas. Neste contexto analisa a ciências da religião epistemologicamente em “quatro rótulos possíveis: ciências da religião, ciência da religião, ciência das religiões e ciências das religiões.” Caráter “pluralista”, no sentido de uma “abordagem poli-metológica”.

O autor Usarski (2007) apresenta as quatro subdisciplinas “clássicas” das ciências da religião: antropologia da religião, história da religião, sociologia da religião, psicologia da religião. Além disto, duas disciplinas complementares: geografia da religião e estética da religião. Traz também à ciência da religião diante de novos horizontes com os estudos formais e modelos computacionais da religião, história natural da religião e a teologia em diálogo com a ciência da religião.

Outra obra marcante nesta concepção é a de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi: As ciências das religiões da Editora Paulus em 2007 que destacam as bases teóricas e metodológicas das Ciências da Religião baseados nas escolas antropológicas, psicológicas, históricas, sociológicas, filosóficas conceituando sistematicamente cada uma.

## CONCLUSÃO

O que esteve em pauta na contemporaneidade sobre o objeto religião é o como fazer. Como fazer metodologicamente para entender e não reduzir esse objeto e sim ampliar as contribuições que as disciplinas auxiliares podem promover metodologicamente.

Em um primeiro momento a subjetividade do pesquisador. Essa poderá interferir no objeto de estudo? Observamos que o conceito de Religião vem do conceito judaico-cristão (Religião Clássica). Uma tradição como religião traz respeito a esta tradição. O Candomblé usa o termo religião, pois, politicamente lhe assegura um “status”. Religião na Europa é sinônimo de Cristianismo. Nas aulas de Ensino da Religião na Europa não se identifica “pluralidade religiosa” e sim como uma experiência a respeito de religiões concretas como, por exemplo, Religião e Cristianismo.

O Cientista da Religião tem que ser como o “Engenheiro”. Em que seu trabalho trata de Ciências da Religião. Os caminhos devem ser percorridos passo-a-passo sem pular os processos estabelecidos: identificar o problema, elaborar pensando que nem tudo é problema científico. Ele não consegue “largar” os conceitos invisíveis quais sejam transcendentais, espirituais e divinos.

Estas concepções sustentam ainda mais a hipótese de que, após fazer uma conjuntura histórica das ciências que contribuíram e contribuem metodologicamente para a Ciência da Religião, podem-se comparar os métodos de cada disciplina em particular e utilizar-se do mais apropriado para pesquisa religiosa. Não que seja ultrapassado pesquisar fenômenos religiosos, mais a essência do religioso está presente no que extraímos, juntamente com o auxílio dos métodos das disciplinas complementares, para a Ciência da Religião.

Proponho então uma análise histórico-comparada dos métodos de investigação a partir do objeto de estudo, indagando seu conhecimento histórico de determinada religião, para se produzir um conhecimento científico além dos fenômenos. Em um estudo planejado, poderemos um dia chegar a um método próprio de análise qualitativa da religião.

## REFERÊNCIA

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. 4. ed. São Paulo: Paulus - SP, 2007.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. O que é ciência da religião?. São Paulo: Paulinas, 2005.

USARSKI, Frank (org).:O espectro disciplinar da Ciência da Religião, São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2007.